

**31101 - Património Industrial em Portugal**

Aluno: António José Estêvão Cabrita

Nº 1002404 Turma 01 Maio 2013

Um museu de indústria, como qualquer outro museu, tem como principais funções conservar, apresentar, educar e divulgar o seu espólio enquanto testemunho do saber e da actividade humana que integram um Património civilizacional e cultural que nos foi legado. Porém, este tipo de museu, apesar de se constituir e servir idênticos propósitos que os demais, apresenta características próprias que, sobretudo pelas dimensões ou áreas, por vezes colossais, do património musealizado, importa ter cuidados e atenções diferentes dos demais.

Desde logo importa conhecer e classificar tal património e, depois de estabelecidos e cumpridos os critérios que levam à sua musealização, determinar como serão levadas a cabo as funções a que se destinam.

O primeiro passo, aquele que nos leva a constituir tal tipo de museu, consiste em determinar se o objecto se classifica como produto industrial que, pela sua definição, determina serem “vestígios da cultura industrial que possuam valor histórico, tecnológico, social arquitectónico ou científico”[[1]](#footnote-1).

Determinado o que será constituído como parte do museu, que poderá incluir desde o sítio às edificações das instalações fabris e de suporte à industria (paisagem, habitações dos operários, armazéns, locais de formação e de culto e recursos naturais, entre outros[[2]](#footnote-2)), das ferramentas e maquinaria à documentação e memórias dos que lá exerceram funções, cabe decidir a exposição de todos os elementos capazes de fornecer uma ideia de conjunto tão próxima quanto possível daquilo que foi uma actividade que terá afectado, ou que ainda afecta, a vida de muitos, tanto a nível económico como social, com implicações desde as redes de transportes, de energia, de saneamento básico ou até à transformação da paisagem e do modo de vida das populações circundantes.

Por isto, interessa também, desde um primeiro momento, envolver as comunidades locais numa participação activa no projecto, não apenas pela contribuição do seu testemunho mas também pela perspectiva de reforçar a sua identidade e contribuir para o desenvolvimento económico e cultural através do polo dinamizador que um museu pode criar, por exemplo, no turismo e nas indústrias caseiras.

A área de exposição e interpretação, deverá integrar todos os elementos que possam reconstituir a actividade daquela indústria, na sua forma original, desde a recepção da matéria-prima à sua transformação, à obtenção do produto final e da sua expedição para comercialização.

É de primordial importância para o público que o circuito de produção estabeleça os contornos daquilo que foi, ou ainda é, o circuito dos produtos ali transformados. Só assim se poderá compreender todo o processo e para isso é necessário que os sentidos sejam postos à prova pois não é apenas com a visão que nos apropriamos desse conhecimento. Também o olfacto, o tacto, o ouvido e o paladar poderão contribuir, consoante de que industria se trate, como será o caso da indústria alimentar em que quase todos os sentidos são convidados a participar.

Naturalmente, as preocupações com a segurança não deverão ser menores, pois o ambiente poderá ser perigoso e colocar em causa a integridade física das pessoas, quando o percurso se efectua, por exemplo, por entre maquinaria pesada ou em ambientes tóxicos (prensas, tornos, silos de moagem, cubas de fermentação, etc., etc.), ou mesmo com maquinaria e ferramentas por vezes insuspeitas que escondem perigos.

Assim, ainda que seja desejável todos estes elementos ficarem à disposição do público o seu manuseamento deverá ser vigiado e feito de preferência por quem esteja familiarizado ou tenha tido formação adequada no seu uso que, poderá, por seu turno, prestar informações adicionais sobre tais ferramentas ou equipamentos.

Concentrando-se o museu de indústria numa das suas edificações originais, ou em edificações feitas com o propósito da sua reconstituição, as suas estruturas bem como o posicionamento de materiais, ferramentas e maquinaria deverão permanecer, tanto quanto possível, intactas e no local que originalmente lhes foi destinado para que o percurso não se interrompa quanto à sua autenticidade. A colocação da maquinaria e dos equipamentos foi inicialmente colocada de acordo com princípios industriais de eficiência e eficácia e não de forma arbitrária, pelo que, tanto quanto possível, deverá ser o circuito de exposição a se adaptar e não os elementos da exposição.

São assim fundamentais os cuidados a ter e os obstáculos a ultrapassar na implementação de um museu industrial, dadas as especificidades que os distinguem de outros tipos de museus, para que o projecto tenha um bom acolhimento entre as comunidades locais que, constituindo-lhes um suporte identitário e de desenvolvimento local renovado, também cumpra com os objectivos para os quais foi instituído, nas suas funções de educação, apresentação, divulgação e de conservação dos vestígios de ofícios e industrias já extintas, em vias de o ser ou para evitar que o venham a ser para que o conhecimento aí adquirido nos auxilie na compreensão das motivações de tal industria.

**Bibliografia**

Encontro Internacional Património Cultural, a Cortiça e os Museus - A Fábrica do Inglês: reabilitação do património industrial corticeiro [em linha]. Rede Europeia de Territórios Corticeiros. Seixal, 2010. [Consult. 18 Maio 2013]. Disponível em: <http://www.retecork.org/pdf/museos/ponencia10.pdf>

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz - INICIAÇÃO À MUSEOLOGIA. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

TICCIH - Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial [em linha]. 2003. [Consult. 18 Maio 2013] Disponível em <http://www.ticcih.org/pdf/NTagilPortuguese.pdf>

Colóquio de Museologia Industrial - Reconversão e Musealização de Espaços Industriais: O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira [em linha]. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2002. [Consult. 18 Maio 2013]. Disponível em: <http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/industri.pdf>

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| [[Trabalho](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674342)E-fólio B](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674342) | Avaliação Electrónica | 2,50 | 62,50 % | Embora muito bem escrito faltou no seu trabalho abordar algumas questões fundamentais, tais como a constituição de uma equipa de trabalho pluridisciplinar e adequada à temática do museu; a existência e função da reserva museológica; o restauro e medidas de conservação preventiva das peças e do espaço e, de entre as actividades iniciais, a preparação da primeira exposição, onde se inclui a edição de um catálogo. Atenção à bibliografia que deve ser apresentada por ordem alfabética. |
| [[Trabalho](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674222)E-fólio C](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674222) | Avaliação Electrónica |  |  |  |
| AgregaçãoE-fólios | Avaliação Electrónica | 6,00 | 75,00 % |  |
| [[Trabalho](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674242)P-fólio](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=2674242) | Avaliação Contínua | - | - |  |
| AgregaçãoPontos Acumulados | Avaliação Contínua | 6,00 | 30,00 % |  |
| Fórmula de cálculoNota Final | Património Industrial em Portugal 2012 01 | Rep | 0,00 % |  |

1. TICCIH - Carta de Tagil, 2003: 3 [↑](#footnote-ref-1)
2. c.f. definição de “Património Industrial” em Carta de Tagil [↑](#footnote-ref-2)